

BATUCADA FEMINISTA COMO UM ELEMENTO EDUCATIVO NA/DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES EM BLUMENAU.

Celso Kraemer¹

Jonathan Christopher Dias²

Vanessa Doré Gonçalves³

1. Primeiras Palavras

Com o lema “Seguiremos marchando até que todas sejamos livres” a Batucada Feminista sai às ruas com seus tambores buscando a visibilidade das lutas feministas. Através da arte de confeccionar seus próprios instrumentos, suas ações denunciam o machismo e todas as marcas deixadas na sociedade. Mas, para além da denúncia, apresentam outro projeto.

Esse trabalho busca conhecer o processo educativo dentro da batucada feminista na cidade de Blumenau. Para isso se faz a análise do contexto histórico da organização política das mulheres na cidade, o contexto social das mulheres que participam do movimento, os espaços criados, as relações estabelecidas, os momentos vivenciados.

As informações para a pesquisa, de caráter exploratório, foram buscadas junto às integrantes do movimento pesquisado. Foram gravadas entrevistas semiestruturadas com participantes da Batucada e também com uma pesquisadora da temática de gênero. Além disso, foram realizadas observações nas atividades regulares do movimento, ente elas as rodas de conversas que elas promovem.

¹ Doutor em Filosofia. Professore de Filosofia da Educação no PPGE da FURB.

² Graduando em Pedagogia e pesquisador da temática de Gênero.

³ Graduanda em Ciências Sociais. Pesquisadora e ativista em Movimentos Sociais e sobre gênero.

A estrutura do texto desta pesquisa segue o seguinte roteiro: primeiro um breve relato, contextualizando historicamente a organização política das mulheres em Blumenau; em seguida uma apresentação das histórias de cinco mulheres do grupo e, por final, a análise do processo educativo do movimento, valendo-se das observações sobre as ações do movimento, tanto em sua dinâmica interna quanto nas ruas e espaços da cidade.

2. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES EM BLUMENAU

Em entrevista a pesquisadora Marilu Antunes da Silva⁴ relata que a organização política das mulheres a partir da década de 1960, em Blumenau, se deu em diferentes espaços e movimentos: por meio das lutas trabalhistas, da área têxtil; no trabalho voluntário, na área da saúde; na pastoral da saúde, que era composta só por mulheres. Essa década se iniciaram as atividades no movimento das comunidades eclesiais de base, um movimento da Igreja Católica. As mulheres encamparam o projeto. Tratava-se de uma ação que fornecia uma alimentação, chama à época de multimistura, administrada para crianças de baixo peso ou em estado de subnutrição. Também nos clubes de mães as mulheres realizavam encontros e diálogos que favoreciam sua consciência social e política. Essa dinâmica também se faz presente na vida cultural da cidade, na fundação cultural e FITUB (Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau). Esse era o cenário desenhado até os meados de 2000.

Nesse início do séc. XXI a presença de mulheres no espaço legislativo é um novo passo, ainda em marcha, mas já com presenças significativas em alguns municípios, nos legislativos estaduais e no congresso Nacional. A implementação de programas de saúde pública para mulher na rede municipal através do SUS e do SUAS é uma conquista das frentes femininas. Mas as mulheres continuam se organizando pelas demandas de profissionalização e renda no trabalho. Para isso, permanecem nos sindicatos, em associações de moradores e, também na

⁴ Professora de Ensino Médio e da Universidade, cientista social, mestre em história e doutoranda em direito.

rede de economia solidaria para, através da renda, conseguir reconhecimento para outros direitos sociais. Nos movimentos estudantis de ensino médio e superior também a participação feminina estava presente já desde as últimas décadas do século XX. Igualmente sua presença e organização nas demandas por segurança ambiental merece ser mencionada, destacando a formação de associações de desabrigados de 2008. Entre 2012 até esse ano surgiram e se fortaleceram em Blumenau os coletivos feministas: Casa da Mae Joana, Praça Lilás, Damas de Paus, Instituto Anisia Floresta e a Batucada Feminista.

Como se vê, o percurso das lutas femininas vem se ampliando em Blumenau. O conjunto dessas ações mostra os espaços institucionais e espaços sociais e culturais nos quais as mulheres passaram a atuar. Em todos eles, seguramente, se faz educação. Nosso recorte, no presente trabalho, é sobre a Batucada Feminista, um Coletivo Feminista que surge em 2017, em Blumenau. Ele está relacionado a um movimento que já existe com esse nome no Brasil desde 2003. Faz parte do movimento feminista Marcha Mundial das Mulheres, dentro da Marcha ela é considerada como um elemento político e educativo.

3. QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

Fica difícil falar da mulher que participa do coletivo Batucada Feminista. Não existe um único perfil de mulheres que participam desse espaço, são diferentes em idades, em vivências, em expectativas e pensamentos políticos. É nessas diferenças que elas se unem em prol da defesa dos direitos e conquista de espaços para as mulheres. São muitas as motivações para estar nesse espaço. Juliana Gertudres Moraes Oliveira 40 anos, trabalha como auxiliar de governança. Segundo, relata “o que me motivou a participar da batucada foi a violência que sofri, sou vítima de violência doméstica”. Em suas palavras descreve que encontrou na batucada feminista um espaço de defesa dos direitos das mulheres, de empoderamento da palavra e coragem para não se deixar levar por qualquer forma de opressão. "A cada batida na lata era um grito de socorro!

Libertário! Todas nós juntas pela mesma causa até que todas sejamos livres!”.

Outras histórias, como a da Maria Emília de Souza, demonstram o quanto esse movimento tem se tornado referência para outras mulheres. Já com 64 anos, assistente social aposentada, sua vida política e militante foi forjada nos movimentos populares e sindicais. Ela destaca que, na década de 80, pelo surgimento de inúmeros movimentos sociais, sentiu-se impulsionada a engajar-se na luta em torno dos direitos sociais e trabalhistas. Entre estas lutas ela destaca as diretas já e o processo constituinte. As lutas por políticas públicas, como na defesa do Tripé da Seguridade: Assistência Social, Saúde e Previdência, também fazia parte da sua agenda. Nos anos de 2005 a 2008 exerceu um mandato como vereadora na câmara de vereadores de Blumenau. Desde os anos de 1990, continuando até hoje, está nos movimentos sociais, entre eles: Movimento De Consciência Negra – Cisne Negro; Coletivo LGBT Liberdade; Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Batucada Feminista. Ela destaca que “Quando escutamos a Batucada Feminista sabemos que lá tem mulheres solidárias a todas as mulheres, que lá tem denúncia e resistência. Mas que também tem organização política, construção de novos ritmos, de novas músicas, de palavras de ordem, conscientização e rebeldia”.

A história da jovem Carolina Gabriela Nienköetter da Silva, de 23 anos, reafirma a importância desse espaço. Designer, envolvida desde nova nas lutas sociais, participou, por um tempo, do coletivo Casa da Mãe Joana. Com a formação deste novo coletivo ela passou a dedicar seu tempo à Batucada. Segundo ela, “o fato de cantar e batucar me causa um tipo de satisfação, as letras me fazem compreender que meu pensamento não está sozinho e só me motiva a seguir neste caminho. E acredito que espaços assim são importantes, principalmente pelas rodas de conversas. Nelas conhecemos novas mulheres que tem a chance de conhecer novos assuntos. Uma troca de experiência e conhecimento empoderado.”

Marilei Post de 48 anos, dá ênfase no protagonismo da mulher. Ela é formada em pedagogia. Atua como servidora pública na Secretaria de Desenvolvimento Social. Trabalha há quatorze anos na política de

assistência social, da criança e do adolescente. Nos últimos seis anos trabalha com adolescentes em conflito com a lei, o que oportunizou trabalhar com crianças e adolescentes meninas. Ela já havia atuado em um programa de acolhimento institucional, entre 2003 e 2005. Foi nesse período que desenvolveu sua dissertação de Mestrado sobre o abuso sexual, numa perspectiva de gênero. Nesta pesquisa analisou a forma com que a sociedade constrói um discurso de atribuir às meninas a responsabilidade pelo abuso que elas sofreram. Sua discussão mostrou que o discurso de gênero e o conceito de gênero que se tem contribuem para que essas meninas sejam penalizadas pelo abuso que elas sofreram. Em sua fala mostra que os coletivos femininos saem do lugar comum de que o homem fala sobre ou em nome da mulher. Ela assume o direito de dizer a *sua* palavra: “na batucada feminista só as mulheres batucam, quem puxa as palavras de ordem são as mulheres, os homens podem apoiar, participar, acompanhar, mas o protagonismo é das mulheres”.

Para Camila Pinto Boullosa, jovem de 29 anos, Jornalista, natural de São Luis- MA reside em Blumenau há três anos, a pauta mais importante em relação ao contexto de Blumenau “o lugar de mulher é onde ela quiser, na rua, no bar, é tendo direito de decidir sobre o seu próprio corpo, cantando, tocando, trabalhando, é estando em casa, é onde bem ela pretender estar”.

Cinco mulheres, cinco histórias que, na sua essência, se somam a tantas outras e que juntas buscam transformar suas realidades. Segundo Vanessa Gill (2015, p. 36):

O mundo, quando nascemos, já está dado, sua organização, suas relações sociais já estão estabelecidas. Dessa forma, vamos conhecendo o mundo a partir da forma como interagimos com e nele. Contudo, pode-se passar toda uma vida sem o entendimento dessa realidade, sem reconhecer-se como integrante de um mundo forjado na interrelação entre sujeitos. Nesse reconhecer-se, compreendendo que cada uma vivencia uma experiência de maneira diversa, mas que pode se reconhecer na vivência uma da outra, realizando um processo de ação-reflexão-ação, é que se realiza o processo de alfabetização política, enquanto mulher.

O que o relato das mulheres da Batucada Feminina de Blumenau mostra, nas entrevistas, é justamente esse aspecto coletivo de educação

entre as próprias mulheres. Diante das histórias das participantes dos coletivos podemos perceber que é nesse panorama de desvalorização das mulheres que os movimentos sociais populares que lutam pelo reconhecimento das mulheres apresentam-se como importantes espaços de educação, de formação humana.

Esse espaço, que possui diferentes realidades, vem passando por processos de aprendizagem e educação. Isso acontece por meio da socialização de suas histórias, do conhecimento científico partilhado e da construção de estratégias para levar as suas pautas as ruas.

4. O PROCESSO EDUCATIVO NOS COLETIVOS

As principais características do movimento feminista no Brasil e no mundo, visível na Marcha Mundial das Mulheres, movimento no qual a Batucada Feminista está inserida, são a solidariedade e o internacionalismo. O movimento se coloca na luta pela igualdade, pelo fortalecimento de espaços coletivos das mulheres, com caráter popular e autônomo desenvolvendo ações criativas de enfrentamento ao capitalismo patriarcal, racista e lesbofóbico.

As estruturas e relações que oprimem as mulheres nos mais diversos espaços é denunciado pelo movimento. Elas se refere a um “sistema de dominação vigente, surgido através da divisão do trabalho e da divisão sexual do trabalho” (GIL; 2015 p. 31) onde o masculino se faz superior ao feminino. Esse sistema, além de ser patriarcal, é capitalista, provocando a divisão classes, proletariado e burguesia, diferenciando a educação entre as duas. Trata-se de uma “educação mais complexa para a elite de proprietários e uma formação mais simples para aqueles que lidariam com as máquinas e as fariam funcionar para produzir” (GIL; 2015 p. 31).

Segundo a fala de Marilei Post na entrevista, o capitalismo também produz o machismo. No interior do modelo capitalista de sociedade ocorrem as classificações: “essa rivalidade não só na relação dos homens e mulheres, mas, na relação dos negros com os brancos, dos heterossexuais com os homossexuais sempre no sentido de que um é melhor que o outro,

na relação predatória de extração dos recursos naturais, na exploração da mão de obra e é nesse sentido que o feminismo da marcha se intitula anticapitalista”. Para fazer frente a isso e para gerar novas possibilidades, os movimentos sociais são importante espaço de educação.

A partir desse Movimento _MMM_ educam-se as suas militantes, ou seja, ao anunciar e denunciar o Movimento constrói seu feminismo anticapitalista como princípio educativo. Seus cantos, batucadas, ações, textos, vestes, denunciam como é o machismo, a desvalorização do trabalho doméstico e de cuidados, a mercantilização do corpo e da vida das mulheres, a lesbofobia e apontam, ao mesmo tempo, como deveria ser. Esse processo de denúncia e anúncio promove um pensamento crítico não apenas sobre os temas políticos e sociais de maior amplitude, mas também, constrói e modifica a visão de mundo das militantes na sua vida, no cotidiano das famílias que as mesmas constituem, na sua relação com o mundo, com sua intervenção no mundo, fazendo dessa caminhada, o seu educativo do ser Mulher. (GIL; 2015 p.36)

Seus instrumentos são rudimentares. Tambores de plástico, latas de querosene, latinhas de refrigerante e cerveja, cabos de vassoura e garrafas plásticas são alguns dos materiais usados na confecção dos instrumentos, todos recicláveis e de fácil acesso. Mas no movimento do grupo o ritmo ajuda a gerar concentração, unidade e força nos momentos de ação coletiva. Tocar é uma forma direta de ação política, de levar o feminismo para os olhares e ouvidos da rua, expressando as lutas, ocupando o espaço público.

Para Camila Pinto Boullosa, seu engajamento nas lutas feministas está diretamente ligada à música. Participou de uma banda de percussão composta só por mulheres em São Luiz. O grupo fazia reverência ao feminino e também ao feminismo, nas letras e na sua organização. Ela relata que é raro você ter mulheres tocando instrumentos de percussão, na maioria das bandas e festivais hoje no Brasil e no mundo as mulheres, quando estão no palco, estão tocando flauta ou cantando, dificilmente elas estão em instrumentos percussivos, bateria e baixo.

As oficinas de batucada compreendem mais do que aprender a bater nas latas e o ritmo dos cantos. O ato de reaproveitar latas, de reciclá-las, serve como metáfora para a própria história das mulheres ao longo dos séculos, que usam a criatividade para resistir. Usam o que tem disponível para criar instrumento, construí-lo. Para as oficinas

são levados tecidos de chita floridos, de várias cores, que servem para adornar, enfeitar e para fazer a alça que será posta no ombro da batuqueira para que possa sustentar o instrumento. Dessa forma, para que exista a batucada é preciso desprendimento de tempo, é preciso trabalho. Se entendemos que o trabalho é educativo, no sentido do fazer que educa, esse espaço do Movimento é, com muita certeza, um espaço educativo. É um espaço de resistência, onde o som das vozes das mulheres, que tantas vezes foi descartado da história, se junta ao som de materiais que foram para o lixo. (GIL; 2015 p.39)

As mulheres, por meio do batuque, protestam também contra a cultura musical machista e preconceituosa que ouvimos todos os dias, seja no rádio, nos shows ou nos programas de TV. É uma produção cultural e publicitária que utiliza as mulheres como iscas de mercado.

Em Blumenau a Batucada Feminista surge em 29 de junho de 2017. Ainda muito jovem, portanto. Ela foi composto por mulheres de diferentes realidades, com faixa etária de 17 a 60 anos. A mobilização e organização do grupo contaram desde o início com o auxílio do grupo formado no Whatsapp. Este meio digital, de presença virtual, que o grupo toma várias decisões, marcam-se intervenções, reuniões, protestos. Neste canal também circula material de estudo sobre as temáticas discutidas.

Um mês após criada, a partir de julho de 2017, os ensaios começaram a ter uma rotina, acontecendo uma vez por semana, nas quintas-feiras, geralmente em um lugar à beira do Rio Itajaiaçú, próximo ao Centro de Blumenau, chamado Prainha. Trata-se de espaço de lazer que foi revitalizado há aproximadamente dois anos. Junto com as águas ia o som do batuque, com suas canções e palavras de ordem.

A Batucada Feminista de Blumenau apresentou-se pela primeira vez publicamente na Greve Geral dos trabalhadores que aconteceu em julho de 2017. Também participaram do 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM), que ocorreu junto ao Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (FG) realizado entre 30 de julho e 4 de agosto em Florianópolis no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participaram, em Setembro, nas comemorações do dia 07 em homenagem à Pátria, do Grito dos Excluídos, uma mobilização que conta anualmente com a participações de Sindicatos e Movimentos Sociais. Em frente do Teatro Carlos Gomes, um dos pontos importantes da Cultura na cidade, localizado no centro de

Blumenau, com uma bela praça em sua frente, promovem rodas de conversa a respeito do dia interamericano da legalização do aborto e, nos dias 16 a 18 de novembro, sobre a Jornada Continental por Democracia e Contra o Neoliberalismo.

Participar nesses espaços batucando só animou o grupo a continuar suas ações. Hoje há uma agenda de encontros que se intercalam em ensaios, confecção de instrumentos e rodas de conversas sobre as pautas levantadas nas ruas.

5. CONCLUSÃO

O ato de batucar, de partilhar as suas experiências, informações, de confeccionar seus próprios instrumentos e de ir em busca de conhecimento, compõe um movimento que auxilia na formação e emancipação, tanto no âmbito pessoal, quanto no acadêmico, político e social dessas mulheres.

O momento em que uma mulher ouve a batucada, quando deseja fazer parte do espaço, quando começa a participar, confecciona seu instrumento, participa das rodas de conversas e assim segue ativa no movimento, ela começa a fazer parte de um processo educativo. Mesmo as oposições ou resistência aos movimentos sociais das mulheres, os atritos e conflitos gerados e gerenciados, são espaços muito relevantes de educação, com o viés de enfrentar o machismo e as desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

GIL, Vanessa Nasbada da Silva. **MULHERES EM MOVIMENTO MUDAM O MUNDO: O EDUCATIVO NA/DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131020/000979668.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 dez. 2017.